

A INSERÇÃO DA INTERPRETAÇÃO PARA LIBRAS NO PROGRAMA TELEVISIVO *CONEXÕES*: relato de caso

Diego Mauricio Barbosa¹

Kamyla Faria Maia²

Vanessa Bandeira Moreira Brossmann³

RESUMO: O objetivo deste trabalho é analisar a inserção da interpretação para a língua brasileira de sinais (Libras) no programa *Conexões*, da TV UFG. Para tanto, analisamos episódios que foram ao ar entre 2023 e 2025 e estão disponibilizados no canal oficial da emissora no *YouTube*. A iniciativa desenvolvida em parceria com o Laboratório de Tradução Audiovisual Acessível (LabTavi), representa um diferencial ao inserir o intérprete de Libras como apresentador em paridade com a âncora e exigiu mudanças significativas no fazer jornalístico da emissora. Nesse sentido, discutimos o impacto dessa inserção a partir de uma análise de ordem técnica, linguística, estética e política; a qual identificou reestruturações, como a reformulação de roteiros com frases em ordem direta, ritmo mais lento, informações numéricas, porcentagem e topônimos (nome de lugares) apresentados em cartelas informativas ou videografismos e a inserção de pausas que respeitam o tempo da entrega da interpretação. O trabalho é construído com a presença de uma consultora surda, garantindo a centralidade da experiência da comunidade surda no processo de produção acessível. A iniciativa também evidencia reflexões relevantes para a formação de intérpretes de Libras, como a necessidade de desenvolver competências para atuação em contextos audiovisuais, trabalho colaborativos e com consultores surdos.

Palavras-chave: Interpretação Audiovisual para Libras; Intérprete-apresentador; TV UFG.

THE IMPLEMENTATION OF BRAZILIAN SIGN LANGUAGE (LIBRAS) INTERPRETATION IN THE TV SHOW *CONEXÕES*

ABSTRACT: The objective of this work is to analyze the inclusion of Brazilian Sign Language (Libras) interpretation in the *Conexões* program on TV UFG. To this end, we examined episodes that aired between 2023 and 2025 and are available on the broadcaster's official YouTube channel. This initiative, developed in partnership with the Laboratory of Accessible Audiovisual Translation (LabTavi), stands out by placing the Libras interpreter as a co-presenter on equal

¹ Professor Adjunto no Departamento de Libras e Tradução na Universidade Federal de Goiás. Professor na Pós-graduação em Estudos da Tradução na Universidade de Brasília. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1301-640X>. E-mail: diego.barbosa@ufg.br

² Professora da Unifasam e editora-chefe da TV UFG, doutora em Comunicação pela UFG. <http://lattes.cnpq.br/9443918582024595>. <https://orcid.org/0000-0002-0625-5114>. maia.kamyla@gmail.com

³ Servidora técnico-administrativa em educação da Universidade Federal de Goiás e Diretora da TV UFG. Mestre em Performances Culturais pela UFG. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2374-2221>. E-mail: vanessa@ufg.br

footage with the anchor, requiring significant changes in the station's journalistic practices. In this regard, we discuss the impact of this inclusion through a technical, linguistic, aesthetic, and political analysis, which identified restructurings such as the reformulation of scripts with direct word order, slower pacing, presentation of numerical data, percentages, and place names via informational graphics or on-screen visuals, and the insertion of pauses to accommodate the interpretation delivery time. This work was carried out with the involvement of a Deaf consultant, ensuring the centrality of the Deaf community's experience in the accessible production process. The initiative also highlights important considerations for the training of Libras interpreters, such as the need to develop skills for work in audiovisual contexts, collaborative practices, and engagement with Deaf consultants.

Keywords: Audiovisual Interpretation for Libras; Interpreter-Presenter; TV UFG.

Introdução

No Brasil, os esforços para que todas as pessoas tenham acesso à informação, aos meios e serviços que permitam a participação plena na vida social, econômica e política, podem ser considerados recentes. Dentre eles, a Lei nº 13.146, publicada em 6 de julho de 2015, que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Esta estabelece medidas para garantir e promover o exercício dos direitos fundamentais das pessoas com deficiência, visando sua inclusão social e cidadania. A Lei traz também diretrizes para a acessibilidade em conteúdos audiovisuais, destacando no artigo 67 que os serviços de radiodifusão de sons e imagens devem permitir o uso de janela com intérprete de Libras, subtítuloção por meio de legenda oculta e audiodescrição, dentre outros recursos.

Além da Lei nº 13.146, há iniciativas anteriores, como a Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida; assim como o Decreto nº 5.296 de 2 de dezembro de 2004 que a regulamenta. Foi estabelecida também pela Associação Brasileira de Normas Técnicas, a norma ABNT NBR 15.290, válida a partir de 30 de novembro de 2005, que aponta o que a programação televisiva deve atender para ser considerada acessível, estabelecendo “diretrizes gerais a serem observadas para acessibilidade em comunicação na televisão, consideradas as diversas condições de percepção e cognição, com ou sem a ajuda de sistema assistivo ou outro que complemente necessidades individuais”.

A TV UFG, emissora educativa criada em 2009, já nasce em um contexto de busca pela inclusão. De concessão da Fundação Rádio e Televisão Educativa e Cultural e

ligada à Universidade Federal de Goiás (UFG), uma universidade extremamente preocupada e ativa na construção de políticas de inclusão, a TV UFG opera em sinal aberto e canais a cabo e pela internet. Hoje, com alcance potencial de mais de 3 milhões e 200 mil habitantes em Goiânia e 46 cidades ao redor, todas do estado de Goiás, tem a segunda melhor qualidade de imagem digital e é a quinta emissora mais assistida na capital goiana, de acordo com pesquisa realizada pela Kantar Ibope em dezembro de 2024.

Preocupada em contribuir para a reflexão sobre a sociedade brasileira e a formação crítica do cidadão, a TV UFG vem desde sua criação empreendendo esforços para oferecer uma programação cada vez mais inclusiva, observando não somente as leis e normativas, mas também investindo em pesquisa e ações inovadoras. Destaca-se neste estudo o *Conexões*, primeiro programa jornalístico da TV UFG, criado em 2011, que apesar de assumir diferentes formatos, buscou manter uma abordagem editorial voltada à efetivação da comunicação pública e ao entendimento da comunicação como um direito humano fundamental.

Outra preocupação da linha editorial é a criação de mecanismos de acessibilidade para a comunidade surda e para as pessoas cegas e com baixa visão. Para o primeiro público foi pensada uma maneira de ampliar a presença do intérprete de Libras, retirando o profissional da janela de interpretação padrão e levando-o a assumir o papel de um segundo apresentador, o qual nomeamos de intérprete-apresentador, ao lado da jornalista responsável pelo programa.

As primeiras participações do intérprete como segundo apresentador ocorreram em 2019, de maneira pontual e apenas uma vez por semana, e foram interrompidas no início do ano seguinte quando o telejornal diário foi paralisado. A iniciativa foi retomada de maneira mais estruturada no final de 2023, quando o *Conexões* voltou a ser um programa diário e passou a ser apresentado por uma jornalista e por um intérprete no estúdio, com auxílio de membros do Laboratório de Tradução Audiovisual Acessível (LabTavi).

Nesse sentido, temos como intuito analisar o impacto da inserção do intérprete-apresentador de Libras no programa *Conexões*. A proposta é discutir os aspectos técnicos, linguísticos, funcionais, estéticos e políticos envolvidos nessa prática de interpretação audiovisual, observando seu potencial de promover acessibilidade, protagonismo surdo e inovação nos modos de comunicação televisiva.

Telejornalismo e a Acessibilidade

A TV UFG integra o Campo Público de Televisão do Brasil, que tem como um dos objetivos a consolidação da democracia, com estímulo à participação da sociedade e a garantia do direito à informação (Valente, 2009, p. 128). Na televisão, tal direito está intimamente ligado ao telejornalismo, que nas emissoras públicas deve ser um espaço para o exercício do direito à comunicação, que contribua com a oferta de conhecimento cotidiano e formação de espectadores (Coutinho, 2013). Para tanto, é imprescindível pensar em uma programação acessível em todo o território, que se dirija ao conjunto da população e seja compreendida pelo maior número de cidadãos (Unesco, 2001, p. 13). Essa missão só é cumprida se forem atendidos os diferentes públicos potenciais, incluindo as pessoas com deficiência auditiva, visual ou cognitiva.

Isso não tem ocorrido nas emissoras comerciais e mesmo nas públicas, uma vez que a programação televisiva de ambas é fundamentalmente orientada a uma audiência ouvinte e vidente (Cirne; Belem, 2022) e isso impede que um número expressivo de pessoas com deficiência tenha acesso ao conteúdo telejornalístico. Para assistir televisão, a comunidade surda depende das pessoas ouvintes ou oralizadas para explicarem as notícias, já que “toda a produção dos programas televisuais é norteadada por uma linguagem apoiada na sonoridade e na projeção de imagens” (Cirne; Belem, 2022, p. 37). Em sua maioria, os telejornais brasileiros contam apenas com legenda oculta; e, aqueles mais preocupados com acessibilidade, principalmente pertencentes ao Campo Público, incluem tradutores ou intérpretes de Libras no final do processo comunicacional, por meio da presença em janela em tamanho reduzido em relação à tela completa.

Na televisão comercial a interpretação para a Libras é pouco adotada em programações audiovisuais ao vivo, sendo mais frequente durante o período eleitoral nos debates e no horário eleitoral, por determinação da lei, pois “a tradução e interpretação de língua de sinais, embora apontada em muitos documentos internacionais como direito humano das comunidades surdas, ainda não é encarada como tal em produções audiovisuais.” (Nascimento; Nogueira, 2019, p. 109).

Com o intuito de garantir a acessibilidade desse público na TV UFG, foi criado em 2022, dentro da emissora, o Laboratório de Tradução Audiovisual Acessível (LabTavi), um projeto de pesquisa que pretende comportar as modalidades de Tradução

Audiovisual Acessível (TAVa), a saber: a audiodescrição (AD), a legenda para surdos e ensurdecidos (LSE) e a tradução e interpretação da língua brasileira de sinais (Libras), a qual é o foco deste estudo.

Tradução Audiovisual Acessível (TAVa)

A Tradução Audiovisual Acessível (TAVa) é um campo interdisciplinar que articula conhecimentos da Tradução, da Comunicação e da Tecnologia, com o objetivo de garantir o acesso de pessoas com deficiência aos produtos audiovisuais, seja no âmbito do entretenimento, da informação ou da educação (Neves, 2012). Essa área compreende práticas como a legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE), a audiodescrição (AD) para pessoas com deficiência visual e a tradução e/ou interpretação em língua brasileira de sinais (Libras) para surdos sinalizantes, buscando promover a equidade comunicacional.

No Brasil, a TAVa tem se fortalecido em consonância com marcos legais como a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015), que assegura o direito à informação e à comunicação em formatos acessíveis. Além disso, normas técnicas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), como a NBR 15290 (acessibilidade em comunicação na televisão), orientam a adoção de recursos de acessibilidade em produções audiovisuais. Tais medidas representam um avanço, mas sua implementação ainda requer articulação entre políticas públicas, formação profissional e engajamento institucional.

Nesse cenário, a televisão pública tem desempenhado papel central na promoção da TAVa, especialmente por seu compromisso com a democratização do acesso à informação. Emissoras como a TV Brasil, TV Cultura e a TV UFG vêm incorporando progressivamente recursos como a janela de Libras, a LSE e a AD em suas grades de programação. A presença da Libras nos materiais audiovisuais, em especial, representa um reconhecimento da língua e da cultura surda, além de uma resposta concreta às demandas da comunidade surda por acessibilidade linguística em sua primeira língua, em diferentes âmbitos da sociedade.

A inserção da janela de Libras em programas televisivos vai além de uma simples exigência técnica. Trata-se de uma escolha que envolve aspectos estéticos, enquadramento de câmera, iluminação e até mesmo dimensões discursivas e políticas da

produção audiovisual. A presença do intérprete de Libras deve ser concebida como parte integrante e significativa do conteúdo, e não como um elemento acessório ou simbólico, evitando, assim, práticas tokenistas que pouco contribuem para a efetiva acessibilidade comunicacional. Além disso, a presença de apresentadores surdos, como ocorre em algumas experiências pontuais na TV pública e universitária, promove o protagonismo surdo⁴ e a valorização da Libras como língua plena de comunicação da comunidade surda.

As universidades públicas têm contribuído de forma significativa para a consolidação da TAVa no Brasil. Projetos de extensão⁵, grupos de pesquisa e laboratórios especializados têm fomentado a formação de tradutores e intérpretes com ênfase na acessibilidade, além de produzir conhecimento científico e propor inovações práticas. Um exemplo relevante é o Laboratório de Tradução Audiovisual Acessível (LabTavi), vinculado à UFG, que atua em parceria com a Fundação RTVE e a TV UFG. O LabTavi⁶ desenvolve atividades de formação, produção, pesquisa e extensão voltadas à acessibilidade em produtos audiovisuais, oferecendo suporte técnico e metodológico para a inserção de Libras, LSE e AD em diversos formatos.

O LabTavi também colabora na construção de critérios de qualidade e boas práticas para a tradução acessível, além de promover a integração entre alunos do curso de Letras: Tradução e Interpretação em Libras/Português e os profissionais do campo audiovisual. Essas experiências têm demonstrado o potencial transformador das universidades, não apenas como espaços de formação, mas no enfrentamento da desigualdade e no acesso a informação por esses sujeitos. Dessa forma, a TAVa não deve ser entendida apenas como uma exigência legal, mas como uma prática ética e socialmente comprometida com a inclusão. Ao integrar recursos como a Libras, a AD e a LSE nas produções audiovisuais — sobretudo na televisão pública —, promove-se o direito à informação e valoriza a diversidade linguística e cultural da sociedade brasileira.

⁴ Protagonismo surdo no programa *Conexões*:

<https://www.youtube.com/live/5a0yESBxQOg?si=LQUF9G4xuQW0n1ea>

⁵ O projeto Intercomunicação da TV UFG tem como objetivo reunir alunos dos cursos de estudantes dos cursos de Letras: tradução e interpretação de Libras/português, Jornalismo, Relações Públicas e Gestão da Informação para a produção de conteúdo jornalístico televisivo para a população da grande Goiânia desde uma perspectiva cidadã e com foco nos direitos humanos. Para mais informações, acesse: https://tvufg.org.br/intercomunicacao_/

⁶ <https://rtve.org.br/labtavi/>

Estudo de caso da interpretação para Libras no *Conexões*

Como metodologia utilizou-se o estudo de caso que, segundo Yin (p. 19, 2001), é estratégico quando o “foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real”. Ademais, o caso vem sendo acompanhado pelos autores ao longo de mais de uma década.

As edições do programa jornalístico *Conexões* analisadas na presente pesquisa foram consultadas por meio do canal da TV UFG no *Youtube* (<https://www.youtube.com/@TVUFG>), onde ocorre a transmissão simultânea do conteúdo transmitido pelo sinal aberto e que também serve como repositório para toda a produção da emissora. O corpo da análise é composto por edições do telejornalístico entre os anos de 2023 e 2025, quando a interpretação para Libras passou a ser realizada todos os dias.

4.1 Sobre o *Conexões*

Para compreendermos o formato atual do programa *Conexões*, é importante contextualizar seu percurso até aqui. Inspirado no Jornal Visual, produção da TV BRASIL que estreou em 1988 e depois passou a ser chamada de Repórter Visual, o *Conexões* busca ser facilmente compreendido pelos diversos públicos, e, em especial, pelo público surdo. E, para isso, a forma e o conteúdo, atuam em conjunto. A acessibilidade passa pelo levantamento e tratamento das pautas e chega até à escolha dos enquadramentos e das imagens e gráficos visuais. O programa jornalístico tem como pauta apresentar as notícias de Goiânia, do Brasil e do mundo, mas dá atenção especial às pautas voltadas para a inclusão.

Não é foco deste estudo delinear como o LabTavi e a TV UFG chegaram a proposta aqui analisada. No entanto, o programa tal qual se apresenta hoje é fruto do percurso de anos, buscando aprimoramento dentro das possibilidades e limites orçamentários disponíveis, demonstrando um esforço consistente em promover a acessibilidade e qualificar a produção audiovisual pública da emissora.

A primeira experiência com a inclusão da interpretação em Libras no *Conexões* ocorreu em 26 de setembro de 2019, em uma edição especial do programa dedicada ao

Dia Nacional do Surdo. A iniciativa partiu de uma proposta do professor Diego Barbosa, da Faculdade de Letras da UFG, com o apoio da então diretora da TV UFG, Vanessa Bandeira. Nessa edição inaugural, a interpretação para Libras foi realizada no estúdio pelos professores da UFG e intérpretes de Libras-português, Diego Barbosa e Renata Vilaça, marcando o início do processo de experimentação e integração da Libras – e a comunidade surda – ao conteúdo. Essa experiência se manteve semanalmente até a descontinuação do programa diário no ano seguinte.

Em 2023, a iniciativa foi aprofundada quando o programa *Conexões* voltou a ser um telejornalístico diário. Desde então, ele se constitui como um boletim de notícias, que vai ao ar ao vivo de segunda a sexta-feira, no horário do almoço, e que é produzido pelos jornalistas, estagiários, bolsistas e estudantes que fazem parte da equipe da TV UFG e interpretado no estúdio por um dos intérpretes que fazem parte do LabTavi, o qual assume o papel de intérprete-apresentador ao lado da âncora principal no estúdio. Nesse sentido, assegura não apenas a acessibilidade, mas reforça o pertencimento da comunidade surda.

O intérprete se mantém presente na tela durante todo o programa, de diferentes maneiras e chegando a assumir a posição central da apresentação, sem a presença física da âncora. Por causa da mudança de posicionamento do intérprete foi necessário testar diferentes tamanhos de televisão e planos de câmera para garantir que o público visualize com clareza o conteúdo audiovisual exibido.

A consolidação do *Conexões* como um telejornal diário com o intérprete de Libras representa um avanço significativo na promoção da acessibilidade comunicacional na televisão pública. A trajetória do programa evidencia um compromisso crescente com a inclusão da comunidade surda, ao integrar de forma contínua o intérprete-apresentador ao lado da âncora, em uma proposta inovadora que alia informação, valorização e acessibilidade. A atuação do LabTavi, em parceria com a TV UFG, tem sido fundamental nesse processo, reafirmando a importância da articulação entre universidade e meios de comunicação na construção de práticas mais inclusivas e representativas.

4.2 Estrutura visual do *Conexões*

O *Conexões* é dividido em diferentes editorias, como política, economia, saúde, educação, cidades, esportes e cultura; todas pensadas para suprir a carência de informações ofertadas de maneira acessível à comunidade surda. Essas editorias são

organizadas do macro para o micro, ou seja, primeiro com assuntos internacionais e nacionais e depois com temas que tratam do estado de Goiás e das cidades da região metropolitana de Goiânia. O conteúdo é distribuído em notas secas, reportagens, quadros, *stand ups*, *links* ao vivo e entrevistas.

O *programa* trabalha com 3 enquadramentos básicos. Sendo: a) o que mostra a jornalista e o(a) intérprete em plano médio ou plano americano, com uma televisão ao centro, na qual consta a logo do programa; b) o que mostra o(a) intérprete a direita e a televisão a esquerda, na qual aparecem entrevistados ou matérias jornalísticas; e c) intérprete a esquerda e videografismo a direita com imagens e textos que irão contribuir para o entendimento da informação que está sendo transmitida.

Fig. 1- *Conexões* 01/04/24



Fonte: Youtube TV UFG

Ele se inicia com escalada, apresentação inicial e descrição de apresentadores e cenário, momentos em tela cheia e com a presença da âncora e do intérprete; seguidas de notas cobertas sobre assuntos nacionais e internacionais, lidas pela âncora em estúdio. No jornalismo audiovisual as notas cobertas podem ser definidas como o arranjo do texto lido pelo apresentador, coberto com imagens exibidas de forma simultânea (Siqueira, 2012). No caso do *Conexões*, elas são lidas pela jornalista no estúdio, mas fora do campo visual, e cobertas pela imagem do intérprete, que divide a tela com imagens estáticas ilustrativas dos assuntos tratados e inseridas digitalmente à esquerda do intérprete-apresentador

Na sequência o programa segue abordando assuntos internacionais e nacionais, e passa a incluir temas estaduais e locais, por meio de diferentes recursos telejornalísticos,

como entrevistas, notas secas, reportagens e quadros especiais. As entrevistas são realizadas de maneira remota e o convidado do dia aparece na televisão que fica no centro da imagem, entre os apresentadores. Nos momentos de apresentação, perguntas e encerramento, o quadro se mantém em tela cheia, mostrando ambos os apresentadores; e no momento das respostas são mostrados apenas o intérprete e o entrevistado na tela.

Da mesma maneira ocorre nas reportagens e quadros especiais, conteúdos em vídeo que contam com texto gravado pelo repórter e entrevistas cobertas com imagens em movimento; nas participações de repórteres ao vivo; e nos *stands ups*, fatos narrados pelo repórter em primeiro plano e cobertos por imagens. Nestes momentos o conteúdo audiovisual aparece na tela, e na maior parte do tempo o plano é composto por ela e pelo intérprete, posicionado à direita da imagem. A âncora aparece apenas durante a apresentação, interações e encerramento.

Fig. 2 e 3 - Conexões 06/05/25



Fonte: Arquivo da TV UFG

Esse posicionamento se difere apenas durante escalada, apresentação inicial, notas secas, passagem de bloco e encerramento, em que ambos os apresentadores permanecem o tempo todo em quadro. A configuração da imagem se difere também em produções especiais que são inseridas em tela cheia e com uso do recurso de interpretação em janela; principalmente aqueles feitos com animação e que deixam de ser inseridos apenas na tela para aumentar a compreensão dos espectadores. Da mesma maneira ocorre em momentos em que o entrevistado ou convidado se utiliza da Libras e uma narração em português é inserida.

Questões técnicas da inserção da interpretação para Libras no *Conexões*

O trabalho do LabTavi na TV UFG tem tido grande impacto no chamado fazer televisivo. Com a implementação do laboratório, a acessibilidade passou a ser pensada antes do início da produção audiovisual e não como um acessório a ser acoplado a uma produção audiovisual finalizada, seja ela gravada ou ao vivo, garantindo a acessibilidade e transformando a forma de produzir os conteúdos na emissora. E essas alterações são observadas desde o roteiro, produção, cenário, captação de imagens, edição, tradução para Libras e a finalização dos conteúdos.

Nesse processo, para oferecer interpretação em Libras em sua grade de programação local, o tamanho da chamada janela de Libras, bem como sua posição na tela, foram testados e definidos pelo LabTavi não somente a partir de normas estabelecidas, mas, a partir da perspectiva da comunidade surda representada pela consultora surda que acompanha a equipe do laboratório. A presença da consultora garante a centralidade da experiência surda nas práticas de tradução e interpretação e contribui para que a acessibilidade seja de fato efetiva, e não apenas simbólica. A atuação dessa profissional é também uma forma de reconhecer e valorizar o protagonismo surdo nas decisões sobre a própria língua.

Quando falamos de normas técnicas, têm-se que o tamanho padrão da janela definido pela norma NBR 15290:2005 da Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT sobre a “Acessibilidade em comunicação na televisão” é que sua altura deve ser no mínimo a metade da altura da tela da televisão e que sua largura deve ocupar no mínimo a quarta parte da largura da tela da televisão. Além disso, deve ser posicionada à esquerda da tela e não deve ser sobreposta por grafismos ou imagens. Outras instruções relacionadas à iluminação, ao plano de fundo da área de tradução, bem como ao enquadramento do intérprete constam no Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis do Ministério da Cultura - Secretaria do Audiovisual. Observa-se que o guia traz instruções específicas para programas jornalísticos, reduzindo o enquadramento lateral do intérprete para o espaço máximo de abertura dos cotovelos no momento em que os dedos médios se tocam em frente ao peito.

Fig. 4 - Janela tradicional de interpretação

Fonte: Arquivo da TV Brasil

No caso específico do *Conexões*, as definições vão além do previsto na norma, uma vez que o intérprete não se apresenta na janela, mas ocupa um lugar de destaque na tela junto à jornalista apresentadora. Essa definição diz muito do anseio da emissora, em seu papel educativo e de caráter público, de promover a inclusão e a cidadania a fim de contribuir para uma sociedade mais democrática, plural e não discriminatória.

Dessa forma, a inserção da interpretação para Libras no *Conexões* não se limita ao cumprimento de normas técnicas, mas representa uma transformação profunda na lógica de produção audiovisual da TV UFG, orientada pela escuta ativa da comunidade surda e pelo compromisso com a acessibilidade desde a concepção até a finalização do conteúdo. A presença do intérprete-apresentador em igualdade de destaque com a âncora reforça não apenas uma escolha estética e comunicacional, mas também um posicionamento político e pedagógico da emissora pública, que assume seu papel na construção de sociedade mais inclusiva, democrática e representativa. O trabalho do LabTavi, articulado com as diretrizes técnicas e com a vivência da consultora surda, tem sido essencial para consolidar essa proposta inovadora e ética de tradução audiovisual acessível na TV UFG.

Questões linguísticas para a interpretação para Libras no *Conexões*

Do ponto de vista linguístico, a atuação do intérprete-apresentador exige adequação para Libras dos gêneros discursivos jornalísticos, dando ênfase na clareza da informação e a precisão informativa. Essa atuação ultrapassa a interpretação pontual, pois demanda preparo contínuo quanto aos assuntos da atualidade, familiaridade com os temas

abordados e competência para lidar com vocabulário técnico e estrutura do discurso informativo.

Além disso, a presença contínua do intérprete na tela, compartilhando o espaço com a apresentadora ou em evidência, sem interrupções visuais, é essencial para a compreensão plena do conteúdo por parte do público surdo, além de estar alinhada ao que aponta o Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis (Brasil, 2015), ao defender que o intérprete em Libras deve ser apresentado de forma clara, em tempo real e com visibilidade adequada, garantindo que sua atuação não seja fragmentada ou simbólica, mas integrada à narrativa audiovisual.

Quadro 1: Características do Gênero Jornalístico Televisivo

Características	Descrição
Multimodalidade	Combinação de imagem, som, fala, música, texto (legendas, GC), formando uma narrativa audiovisual integrada.
Objetividade e clareza	Linguagem direta, concisa e acessível; busca transmitir a informação sem ambiguidades, com foco na compreensão imediata.
Imediatismo e atualidade	Ênfase em fatos recentes e de interesse público; a notícia deve ser atual e relevante.
Linguagem oral planejada	Uso da oralidade com preparo (roteiro, teleprompter), mantendo entonação natural e ritmo adequado ao público.
Presença do apresentador	O âncora assume papel central, guiando a narrativa, estabelecendo credibilidade e, em alguns casos, interagindo com intérpretes de Libras.
Segmentação da informação	Estrutura em blocos ou editoriais (ex: cultura, política, esportes); uso da pirâmide invertida para ordenar a informação por grau de importância.
Visualidade estratégica	Utilização de imagens ilustrativas, videografismos, cartelas e elementos gráficos que reforçam ou explicam o conteúdo da fala.
Edição dinâmica	Cortes rápidos, transições e recursos visuais que mantêm o ritmo da narrativa e a atenção do telespectador.

Fonte: elaborado pelos autores

Como podemos observar no quadro acima, a linguagem utilizada no gênero jornalístico televisivo, embora eficiente na transmissão rápida e objetiva de informações, impõe desafios específicos à interpretação para Libras, especialmente quando realizada

ao vivo por intérpretes-apresentadores. As informações apresentadas geralmente são densas e condensadas, repleta de dados numéricos, nomes próprios, siglas e construções sintáticas complexas que podem dificultar a fluidez da interpretação.

Para minimizar esses entraves de ordem linguística, alguns ajustes tornam-se necessários durante a preparação do conteúdo. Entre eles, destaca-se a reformulação das falas em frases mais simples, preferencialmente na ordem direta, ainda que isso resulte em textos mais longos. Além disso, opta-se por reduzir a exposição de dados numéricos, percentuais e listas de nomes na fala do apresentador, transferindo essas informações para cartelas visuais que são exibidas ao lado do intérprete-apresentador. Essa estratégia, além de reduzir a sobrecarga cognitiva do intérprete, respeita a natureza visual da Libras e melhora a assimilação da informação pelo público de um modo geral, promovendo uma experiência comunicacional mais acessível e eficaz.

Outro aspecto que precisa ser ajustado é a cadência da fala da apresentadora. Diferentemente do ritmo tradicional do jornalismo televisivo, que costuma ser mais ágil e contínuo, no *Conexões* a fala é deliberadamente mais lenta, pausada e marcada por intervalos de silêncio. Esses silêncios são decorrentes de um pequeno intervalo entre o final da fala em português e o término da interpretação em Libras. Essa adequação rítmica permite que o intérprete-apresentador acompanhe o conteúdo com clareza, sem prejuízo da coesão informativa. Além disso, esse ritmo mais equilibrado favorece a percepção da troca entre as informações apresentadas, acompanhando os recursos visuais complementares e sinalização com mais conforto. Assim, o silêncio, que tradicionalmente seria evitado na linguagem jornalística, adquire aqui uma função estratégica para o entendimento das notícias apresentadas.

Tais escolhas técnicas e linguísticas refletem um compromisso com a centralidade da experiência surda no processo de tradução e interpretação, como preconizam os princípios da tradução colaborativa e da consultoria surda. Ao construir a interpretação a partir do olhar da comunidade surda — representada, nesse caso, por uma consultora surda integrada à equipe —, evita-se uma acessibilidade meramente formal e se aproxima de uma prática inclusiva, culturalmente situada, linguística e eticamente responsável.

Mudanças nas políticas de acessibilidade da TV UFG

A política de acessibilidade da TV UFG vem sendo construída a muitas mãos. Todos os departamentos da emissora, como a central de mídias, a técnica, a edição, a

produção e a exibição, em conjunto com o LabTavi, atuam para fazer uma emissora cada vez mais acessível.

A convivência diária com pessoas que pertencem à comunidade surda, bem como o conhecimento da Língua Brasileira de Sinais por meio de curso oferecido pelo LabTavi e pela TV UFG aos seus funcionários, contribuem para que a emissora alcance resultados positivos em relação à acessibilidade para o público surdo em sua grade de programação e, conseqüentemente, à formação de uma política de comunicação que seja não só vivenciada diariamente dentro da emissora, mas percebida pelo seu público.

Um dos pontos positivos de estar em construção é a sua abertura à novas experiências, incluindo a inovação na linguagem audiovisual e a disponibilidade em romper com formatos televisivos característicos ou usuais, a fim de proporcionar ao público uma melhor experiência comunicacional.

Considerações finais

A análise realizada ao longo deste artigo demonstra que a inserção da interpretação para Libras no programa *Conexões* representa uma busca por aumentar a acessibilidade do cenário do telejornalismo brasileiro, especialmente no campo da televisão pública. A proposta do intérprete-apresentador, atuando ao lado da âncora, transforma não apenas o enquadramento estético da acessibilidade, mas também todo o processo de produção audiovisual, desde o roteiro até a edição final. Esse formato, desenvolvido com protagonismo do Laboratório de Tradução Audiovisual Acessível, rompe com a lógica tradicional da janela de Libras e promove uma acessibilidade efetiva, construída a partir da perspectiva da comunidade surda.

Identificou-se que a presença do intérprete de forma contínua em tela exige uma reestruturação linguística do discurso jornalístico, com adaptações na cadência da fala, inclusão de pausas e apoio em recursos visuais como cartelas e videografismos. Tais ajustes, embora desafiadores, demonstram a viabilidade de uma televisão mais acessível, sem comprometer a qualidade informativa. Trata-se de uma prática que reafirma o compromisso da TV UFG com a comunicação pública e com a democratização do acesso à informação.

Do ponto de vista da formação de intérpretes de Libras, essa experiência aponta para a necessidade de ampliação dos currículos dos cursos de tradução e interpretação de

Libras-português, contemplando o domínio de gêneros discursivos especializados, como o jornalismo televisivo, e o desenvolvimento de competências multimodais e interdisciplinares. Destaca-se ainda a importância do trabalho em equipe e da mediação com profissionais da comunicação, da direção de arte, da edição e da produção de conteúdo, ampliando o campo de atuação dos intérpretes e sua inserção em ambientes profissionais colaborativos.

Por fim, a experiência do *Conexões* reforça a ideia de que acessibilidade não deve ser pensada como um elemento posterior à produção, mas como parte integrante da concepção de um produto comunicacional. O estudo evidencia que a tradução audiovisual acessível pode — e deve — ser construída de forma ética, estética e politicamente engajada, contribuindo não apenas para o acesso à informação, mas para a valorização da Libras e da cultura surda na mídia brasileira. Reforçamos, no entanto, a necessidade de futuros estudos de recepção, que possam aprofundar a compreensão sobre os efeitos dessa proposta junto ao público surdo e suas contribuições para o fortalecimento da cidadania linguística e cultural dessa comunidade.

Referências

BRASIL. *Lei no 13.146*, de 6 de julho de 2015. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm> Acesso em 27/04/2024.

BRASIL. Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 20 dez. 2000.

BRASIL. Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004. Regulamenta as Leis nº 10.048 e nº 10.098, que tratam da acessibilidade. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 3 dez. 2004.

CIRNE, L.; BELEM, V. Precisamos Falar sobre Inclusão e Acessibilidade na Televisão Brasileira. *Revista GEMInIS*, v. 13, n. 1, p. 34–52, 2022. Disponível em: <https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/683>. Acesso em 20/06/2025.

COUTINHO, Il. *A Informação na TV Pública*. Florianópolis: Insular, 2013.

FRANCO, E. C. P.; ARAUJO, V. S. *Questões Terminológico-conceituais no campo da tradução audiovisual*. Tradução em Revista. n.11, 2011. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18884/18884.PDFXXvmi=>>>. Acesso em 27/04/2024.

NASCIMENTO, V.; NOGUEIRA, T. C. Tradução audiovisual e o direito à cultura: o caso da comunidade surda. *PERcursos Linguísticos*, Vitória, v. 9, n. 21, p. 105-132, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/23740>. Acesso em 20/06/ 2025.

NAVES, S. B.; MAUCH, C.; ALVES, S. F.; ARAÚJO, V. L. S. (Org.). *Guia Para Produções Audiovisuais Acessíveis*. Brasília. Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura, 2016.

ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 15290:2005 — Acessibilidade em comunicação na televisão. Rio de Janeiro: ABNT, 2005.

SIQUEIRA, F. C. O Telejornalismo em transformação: os formatos da notícia na era digital. In: PORCELLO, F., VIZEU, A.; COUTINHO. *O Brasil (é)ditado*. Florianópolis: Editora Insular, 2012.

UNESCO. *La Radio y Televisión Pública: por qué? cómo?* Maio de 2001.

VALENTE, J. *TV Pública no Brasil: a criação da TV Brasil e sua inserção no modo de regulação setorial da televisão brasileira*. 2009. 210 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Brasília, 2009.

YIN, R. *Estudo de caso: planejamento e métodos*; trad. Daniel Grassi, 2. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

Zettl, H. *Manual de produção de televisão*. Tradução All Tasks; revisão técnica Vagner Anselmo Matrone. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

Recebido em: 01/02/2025.

Aceito em: 08/09/2025.